

Economia muda rumo das campanhas

Crise econômica internacional faz assessores de FH e Lula reverem taxas de crescimento

Catia Seabra, Maria Lima e Flôrência Costa

BRASÍLIA e SÃO PAULO

A crise financeira mundial já está alterando os programas de governo dos candidatos à Presidência. Reconhecendo a possibilidade de desaceleração da economia global no ano que vem, o coordenador do programa de Fernando Henrique Cardoso, economista Carlos Américo Pacheco, anunciou ontem metas bem mais modestas do que as vinham sendo cogitadas: o índice de 5% ou 6% só seria alcançado em 2002, menos do que previa a equipe econômica do Governo.

Já o principal assessor econômico de Luiz Inácio Lula da Silva, o professor da FGV Guido Mantega, disse que, se a crise se aprofundar, a coligação também será obrigada a rever certas metas, como a de fazer o país crescer até 6% ao ano no fim do quarto ano de mandato.

Para Pacheco, a meta de crescimento econômico para o ano que vem — de 3% a 4%, segundo ele — é “relativamente realista”, já que foi muito baixa este ano. Ele disse, porém, que vai incluir a garantia de que, se reeleito, o presidente lançará mão de todos os instrumentos para preservar o Real em momentos de turbulência.

— A equipe econômica inteira tem noção que a taxa de juros tem que convergir para os juros internacionais. Não aumentar. Mas, se houver uma ameaça à estabilidade, serão usados todos os instrumentos para defender o Real. E isso estará no programa de governo — disse o economista, acrescentando que a redução das taxas de juros, essencial para o crescimento, é um objetivo de “médio e longo prazos”.

Oposição vai sugerir que é hora de mudar modelo econômico

Enquanto o trunfo de Fernando Henrique será argumentar que ele é o único capaz de manter a estabilidade, a oposição, ao contrário, vai procurar convencer o eleitorado de que é preciso mudar o modelo econômico com a mudança do governo, exatamente como fizeram outros países afetados pela crise, como Coréia, Indonésia e Japão.

— Se Fernando Henrique nos entregar um país em estado deplorável, o crescimento será menor. Vamos demostrar mais para realizar as nossas metas. A crise não é boa. Queremos fazer um bom governo se vencermos as eleições — disse Mantega.

O programa de Lula prevê até agora uma taxa de crescimento de 4% no primeiro ano de governo, e de 5% no segundo ano. No terceiro e quarto anos de mandato, prevê-se um crescimento anual de 6%. O economista explicou, no entanto, que não é possível precisar o quanto esta meta será afetada por enquanto. Ontem, ao deixar o estúdio de gravação de seu programa de TV, Lula também admitiu esta possibilidade ao comentar os efeitos da crise no cenário eleitoral.

— Nós vamos continuar trabalhando o nosso programa de governo apresentando-o para a sociedade até que a situação exija mudanças — explicou.

Pacheco previu investimentos de R\$ 150 bilhões em infra-estrutura ao longo de um segundo Governo Fernando Henrique, o que pode ser uma arma no combate ao desemprego. Chamando de desafio a meta de criar 7,8 milhões de novos empregos, ele manteve a promessa de duplicar as exportações, chegando a R\$ 100 bilhões, mas admitiu:

— Será preciso trabalhar muito para duplicar a exportação — afirmou, dizendo que a participação do Brasil no comércio exterior ainda é muito modesta se comparada ao tamanho da economia.

Pacheco apresentou ainda a promessa de redução do déficit nominal a 3,5% do PIB. Hoje, são cerca de 7%, o dobro. Segundo metas de Pacheco, a dívida pública, que atualmente representa cerca de 36% do PIB, terá que estacionar no limite de 40% até o fim de um segundo mandato de Fernando Henrique.

Presidente teme que propostas sejam vistas como utópicas

Tanto cuidado na revisão de metas do programa de governo — que teve sua divulgação duas vezes adiada — é justificado pelo receio do próprio presidente de que propostas utópicas sejam recebidas com desconfiança pelo eleitorado. Na apresentação da redação final no último domingo, Fernando Henrique mostrou dúvidas em relação a vários tópicos: os 7,8 milhões de novos empregos que precisam ser criados, quantos trabalhadores precisam ser retrainados e qualificados, e o programa de erradi-



FH: “As pesquisas mostram que eu estou muito bem agora. Se eu cair a culpa é de vocês!”



LULA: “Continuaremos trabalhando o nosso programa até que a situação exija mudanças”

AGENDA

FERNANDO HENRIQUE

15h30m: Reunião para avaliação do segundo ano do Programa Brasil em Ação, no Ministério do Planejamento.

LULA

14h: Reunião com a direção da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, em Brasília.

CIRO GOMES

10h: Palestra na Associação Comercial de Corumbá, sobre “Conjuntura político-econômica brasileira”, em Corumbá (MT).

Nhenhêném no palanque

Jorge Bastos Moreno

Campanha de Lula vê falhas de FH

- O PT conta como ponto negativo para FH o reconhecimento, em seu programa, das altas taxas de desemprego no país.
 - O âncora do programa, exibindo gráficos, parecia mais o Mercadante — diz Genoíno.
- O PT não vai morder a isca dos marqueteiros que vão colocar Marco Maciel para tentar atrair Brizola.
 - Ganha quem tem o que dizer e não quem passou o governo inteiro escondido — diz Gushiken, coordenador da campanha.

Campanha de FH festeja erros de Lula

- FH e ACM assistiram juntos ao programa do PT, no qual a atriz Cristina Pereira afirma que ninguém acredita no presidente.
 - Ninguém ousou, até agora, perguntar aos dois o motivo da forte gargalhada de ACM quando, no meio do programa, FH cochichou-lhe aos ouvidos.
- Juntos, viram também o constrangimento de Lula, no programa seguinte, diante da exibição do cantor rap Mano Brown.
 - Tem gente nossa infiltrada aí — comemorou FH.

METAS DO PROGRAMA DE FH

CRESCIMENTO NÃO PASSARÁ DE 4%

Pobreza

- Tirar dez milhões de brasileiros que estão abaixo da linha de pobreza;

Crescimento

- Compromisso de manter a estabilidade da moeda, recorrendo a todos os instrumentos possíveis em caso de turbulência;
- Crescimento de 3% a 4% no ano que vem, chegando ao patamar de 5% a 6% em 2002
- Redução à metade do déficit nominal, hoje na casa dos 7% do PIB;
- Redução da taxa de juros aos níveis internacionais;
- Controle da dívida pública, não deixando passar de 40% do PIB;

Emprego

- Auxílio temporário para pais de família desempregados. Treinados, cerca de cem mil trabalhadores receberiam um salário-mínimo para prestar serviços de construção à comunidade; receberiam também cesta com material de construção.

- Investimentos, públicos e privados, de R\$ 150 bilhões em infra-estrutura (Telecomunicações, Transportes, Saneamento, Energia e Habitação);
- Criação de 7,8 milhões de postos de trabalho. Desses, 1,8 milhão são para jovens que entram no mercado de trabalho;
- Edição de programas como o Meu Primeiro Emprego, que oferece incentivos fiscais a quem contrata jovens em horários que permitam que continuem estudando;

Exportações

- Duplicar as exportações, chegando a R\$ 100 bilhões em 2002;

Educação

- Ampliação das vagas da rede pública universitária em 40%;
- Aumento do número de matrículas do ensino profissionalizante de 150 mil para 500 mil;
- Ampliação das matrículas para o ensino médio de 6,8 milhões para dez milhões.

cação da fome. No fim, não se convenceu com as explicações dos técnicos, pediu prazo e sugeriu que algumas metas fossem revistas em uma semana.

Na reunião, o presidente mostrou satisfação com a informação de que a audiência do horário eleitoral ultrapassava o pico de 70%. Mas, preocupado com alguma repercussão negativa do anúncio do programa de governo para um segundo mandato, fez um alerta a Pacheco e ao ministro Paulo Renato.

— Olha, as pesquisas mostram que eu estou muito bem agora. Se eu cair a culpa é de vocês!

A maior preocupação do presidente, na montagem do programa para o segundo mandato, é com a credibilidade das metas e propostas que serão anunciadas. Por isso está se cercando de cuidados para não incorrer em erros do passado, como as metas representadas pelos cinco dedos da mão. O novo programa é dividido em quatro tópicos, enumerados na ordem 1, 2, 3 e 4. Todos concordaram que os números teriam de ser substituídos pelas letras A, B, C e D, para evitar a seguinte interpretação: o segundo mandato só terá quatro dedos? O que ele fez com o quinto dedo?

— O presidente tem razão de estar cauteloso com as metas, porque sabe que é merecedor da confiança do povo brasileiro. Uma coisa é apresentar um programa de governo na base do oba-oba, sem ter a responsabilidade de governar. Quem tem a responsabilidade da governabilidade, tem de falar em metas passíveis de execução em quatro anos, senão perde a confiança — diz o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, explicando a revisão de algumas metas da primeira proposta apresentada ao presidente.

Com aproximadamente 300 páginas,

o programa de governo terá uma parte principal, com uma apresentação, quatro capítulos e uma conclusão. Para atender a pedidos dos representantes dos partidos aliados na reunião de domingo, será feito um apêndice com outros três anexos. Nesses anexos serão detalhadas as obras que serão priorizadas no programa “Brasil em Ação” no segundo mandato.

Na avaliação do comando da campanha de Lula — que se reuniu várias vezes desde sexta-feira para analisar a extensão da crise e as consequências que ela pode ter na campanha eleitoral — é de que o eleitorado indeciso poderá ficar inseguro e acabar confluindo para a candidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso diante de um agravamento da situação econômica.

— É preciso mudar o rumo da política econômica. Vamos denunciar a irresponsabilidade do governo nesta crise. Vamos mostrar que o governo está preparando um pacote fiscal e queremos saber quem vai pagar a conta. Vai ser a classe média? Vamos mostrar que é preciso mudar o governo para dar nova direção à política econômica, como aconteceu em outros países como Indonésia, Coréia e Japão — disse José Dirceu.

Hoje pela manhã, Lula e os economistas que o assessoram concedem uma entrevista coletiva para divulgar seu posicionamento sobre a crise.

Para Lula, Governo é omissor e finge que não há crise

Lula acusou o Governo de ser omissor ao tratar da crise e disse que a atual equipe econômica deve deixar de ser “burocrata” e pensar na política social.

— O Governo continua fingindo que não tem crise, não toma nenhuma atitude a não ser dizer que tem dinheiro de sobra para enfrentar a crise. O dinheiro que ele tem é o que está faltando na Educação, Saúde, política agrícola e em programas de geração de emprego. Como brasileiros, estamos preocupados porque achamos que tudo o que pode acontecer de ruim para o Brasil e para o povo brasileiro será ruim para todos os candidatos — afirmou Lula.

Ontem mesmo a cúpula da campanha reuniu-se pela manhã e no final da tarde os economistas reuniram-se novamente com o candidato para avaliar o cenário e decidir de que forma o assunto deve ser tratado no programa eleitoral de TV. Um dos coordenadores do programa, José Américo, disse que na propaganda eleitoral que vai ao ar hoje o assunto será tratado de forma periférica, mas ele voltará à tona nos programas eleitorais seguintes, provavelmente com uma fala de Lula.

O candidato do PPS, Ciro Gomes, não vai usar a crise nas bolsas mundiais no seu horário eleitoral, por julgar ser oportunismo. ■

COLABOROU Cristiane Jungblut